

Faculdade de Conchas – Polo A Casa Tombada  
Pós-graduação O Livro para a Infância – textos, imagens e materialidade

**Uma Trilha Percorrida:  
reflexão sobre o processo de criação d'O Livro Verde do Julio**

Amanda Araujo Miorim  
Orientação: Prof<sup>ª</sup>. Ms. Aline Abreu

São Paulo

2018

## **Resumo**

Esse trabalho é uma reflexão sobre o processo de criação de um livro ilustrado que teve tanto o texto escrito quanto as imagens realizados pela autora, o título da criação é O Livro Verde do Julio. O objetivo é trazer à tona conceitos que permearam a criação, estabelecendo um diálogo entre teoria e prática. O relato descreve as etapas da realização do livro – primeiras versões da história, criação das imagens, escolha do formato, revisão e finalização – ao mesmo tempo em que faz uma conexão com autores que foram referência no desenvolvimento do projeto.

## 1. O mapa dessa história – caminhos entrelaçados

*“A narrativa é, ela própria, num certo sentido,  
uma forma artesanal de comunicação”  
Walter Benjamin*

Tudo começou há aproximadamente 10 anos, quando eu, já formada em Artes Cênicas, decidi iniciar uma licenciatura em Artes Visuais. Nesse período, já apaixonada pela narrativa oral e realizando algumas apresentações em livrarias e centros culturais, mergulhei na escrita de uma história sobre um menino que recorta e cola papéis, sempre me questionando: o que leva alguém a criar uma imagem?

Os estudos sobre a obra do artista francês Henri Matisse (1869-1954 Nice) e a visita a uma exposição que apresentava uma retrospectiva de sua obra foram um grande incentivo para a criação dessa história. Matisse, ao longo de sua trajetória teve grande preocupação com o uso das cores e durante o período do movimento fauvista foi em busca da simplicidade das formas e das cores puras. Os recortes de seu livro *Jazz* me encantaram de tal forma que essa ideia de desenhar com a tesoura, num processo em que a linha e a cor se fundem, era simples e potente.



Pranchas do livro *Jazz*, de Henri Matisse, 1947.

Até aquele momento eram as palavras as minhas grandes aliadas. Contar uma história era para mim uma experiência essencialmente verbal, considerava as imagens como um “complemento”. Escrevi toda a primeira versão da história do garoto Julio sem criar nenhuma imagem, mesmo sendo uma história sobre criação de imagens. Só depois da narrativa textual completa é que vieram as primeiras ilustrações. Inspirada no processo do artista Matisse, criei uma série de tons de verde com tinta guache para cobrir várias folhas de papel, depois de seco comecei a recortar. Fui criando imagens bem descritivas, apoiadas na sequência de acontecimentos já estabelecida.

A primeira versão da história do Julio traz um garoto de 6 anos, que já sabe recortar papeis, e que costuma ficar um bom tempo fazendo isso. Para quem já viu crianças de 6 anos com pequenas tesouras na mão sabe que isso não é exatamente uma novidade.

Bom, Julio um dia se empolga ao perceber que existem nas revistas dos seus pais uma variedade muito grande de tons de verde: claro, muito claro, luminoso, sério, escuro, quase preto... e sem pensar muito bem ele recorta, e recorta, e recorta, e...

Os pais do Julio o pegam em delito flagrante, ficam furiosos. Tudo começa a ficar mais complexo quando a sua mãe observa que ele abraça aquele monte de papel picado como se aquilo fosse um tesouro, como jogar no lixo um tesouro?

A mãe do Julio concede 3 dias ao garoto, para que ele consiga mostrar porque aquilo é tão valioso e necessário. Julio, por incentivo de sua prima Alice, que é bem mais velha do que ele, decide criar um livro, O Livro Verde do Julio, pronto, problema resolvido! Nem tanto...

Ao iniciar a criação do seu livro várias perguntas inquietantes surgem: por que um livro? Como eu farei esse livro? Quem eu penso que sou para criar um livro? Mas e se ficar muito ruim? Ele não se sentia capaz, mas a cada vez que pensava em desistir era assombrado pela ideia de que seus papeis iriam para o lixo, aos poucos Julio foi se divertindo mais e mais com a ideia de reunir os papeis e criar sequências. As imagens contavam um pouco sobre ele, ele se reconhecia em sua criação e, na mesma medida em que se reconhecia, se transformava.



Imagem do início do processo. Cena em que Julio precisa justificar aquela bagunça de papeis.



Cena em que Julio imagina todos os seus preciosos papeis recortados sendo jogados no lixo.

O texto passou por algumas revisões, mas ainda estava tudo muito cru, e eu fiquei um tempo sem saber o que fazer com aquele material. Sentia potência na história do menino que brinca de recortar papeis e se encanta com as cores e com a possibilidade de recriar o mundo por meio desses “pedaços coloridos”, mas o trabalho não estava concluído, faltava alguma coisa, parecia incompleto, inconsistente.

Fiquei um bom tempo com aquele material guardado. Nesse período, já estava dando aulas de artes visuais e com frequência eu olhava para os trabalhos que meus

alunos realizavam e sentia que existia muito mais potência criativa naquilo que eles faziam do que nos meus recortes para a história do Julio.

Foi então que comecei a fazer algumas experiências com os retalhos dos papéis que já tinham sido recortados, e que até então eu mantinha guardados. Uma outra referência importante que me levou aos retalhos foi a obra *Sobras* do artista Geraldo de Barros, uma descoberta das artes visuais que fiz dentro da minha experiência em sala de aula.<sup>1</sup>

Inspirada pela liberdade que via nas produções de meus alunos e pelo trabalho experimental de Geraldo de Barros, iniciei uma sequência de colagens cujo objetivo era a leveza e a diversão que o processo podem ter. Surgiram as imagens “feitas” pelo personagem Julio, uma variedade muito grande de formas e assuntos, sem o controle conservador das primeiras criações.



*Sobras*, Geraldo de Barros, 1975.

Fiz muitas experiências com as “sobras”, me diverti pensando nos temas que encantavam a mim e aos meus alunos: ciclopes, dinossauros, futebol, insetos asquerosos, flores, e tantas outras invenções. Mais uma vez guardei tudo aquilo sem saber bem o que fazer, como integrá-los ao livro? O tempo passou...

---

<sup>1</sup> Geraldo de Barros (SP 1923-1998) foi um importante fotógrafo brasileiro, que teve como marca de sua obra as experimentações. Quando já estava com uma idade avançada e com dificuldades de mobilidade, decide visitar seu baú de fotografias familiares e inicia uma série de criações, em que transforma as fotos, misturando, deixando partes vazias, mudando o fundo, recriando suas memórias.



Ciclope. Temas a partir das sobras.

Foi então que, em 2016, iniciei a pós-graduação O Livro para a Infância, à medida que mergulhava mais no universo do livro e nas relações entre a forma e o conteúdo que esse suporte propicia, surgiu a ideia de fazer um livro dentro do outro: o primeiro que contasse a narrativa em 3ª pessoa, utilizando as imagens mais descritivas; e o outro que fosse a materialização daquela narrativa, O Livro Verde do Julio, o que ele criou, uma proposta de metalinguagem.

Como seria O Livro Verde do Julio?

As experimentações que surgiram a partir desse momento foram mais conscientes, Julio era um personagem que cria, as imagens deixam de ser descritivas e se tornam uma brincadeira. Muitas dessas imagens são fruto das minhas constantes observações dos meus alunos, Julio se tornou a possibilidade de me colocar no lugar deles, mudar a forma como eu via as coisas, quem sabe até um heterônimo, como diria Fernando Pessoa.

Surgiu a chance de transformar O Livro Verde do Julio no meu trabalho de conclusão de curso, era a oportunidade perfeita de finalizar esse projeto que já se estendia por anos. Ao reunir todo o material que já tinha criado para enviar à minha orientadora, fiz um breve relato da minha ideia, nesse relato incluí a proposta de ter dois textos: A História do Julio, com a narrativa textual e algumas imagens descritivas, e O Livro Verde do Julio, formado por seis frases que alinhavavam aquela profusão de imagens criadas pelo personagem.

Com a orientação, decidimos colocar foco n'O Livro Verde do Julio, e deixar a narrativa em 3ª pessoa para o relato, parte do processo de criação, mas não parte do livro. Acabei compreendendo que aquele longo texto estava muito relacionado a minha experiência como contadora de histórias, era um texto para ser falado e não para compor

um livro. Desapegar de todas aquelas páginas de histórias foi mais fácil do que eu imaginava, pois essa reflexão sobre as diferenças entre linguagens sempre surgiu com muita força no meu estudo sobre o livro ilustrado.

Cada linguagem artística comunica-se através de seus elementos constitutivos, e esses elementos se entrelaçam ao que é contado. A forma é indissociável do conteúdo, o que é dito depende de como é dito.

Os trabalhos da autora Angela Lago (1945-2017 MG) iluminaram como nenhum outro a minha compreensão sobre as relações entre os elementos estruturais do livro. Conhecer e estudar um pouco a trajetória dessa artista foi essencial para compreender melhor os fundamentos do livro ilustrado. Em cada trabalho que ela criava, um novo universo surgia - tamanho, cores, formas, palavras, silêncios, técnica - num processo contínuo de reinvenção cujo objetivo era contar a história da melhor maneira possível, extraindo o máximo de potência na relação entre a forma e o conteúdo.

Os exemplos da variedade de projetos que Angela Lago desenvolveu são intermináveis, em sua vasta e premiada produção, com mais de 30 livros, ela transitava da delicadeza das iluminuras, como na releitura *O Cântico dos Cânticos*, à dureza das imagens da miséria, como em *Cena de Rua*, à bizarrice quase cômica das fotografias editadas de *A Raça Perfeita*.



*Cântico dos Cânticos.*



Cena de Rua.



A Raça Perfeita.

Logo no início da orientação, recebi uma sugestão preciosa da minha orientadora: conhecer a obra do autor Eric Carle.<sup>2</sup> Assim como Matisse, Carle cria cores e texturas com tinta para depois utilizá-las como material de suas colagens, seus livros são simples e divertidos, mais uma vez surgiu uma ponte entre esse processo de criação e minha experiência como docente. Sua obra *Uma Lagarta Muito Comilona* fez um grande sucesso entre meus alunos de 4 e 5 anos, e as cores e as texturas por ele criadas foram um estímulo para novas experiências com as tintas.

Nesse momento, a conexão entre as áreas em que atuo profissionalmente (educação, narrativa oral e artes visuais) foi muito intensa. Eu entrelacei de forma consciente o meu processo ao processo dos meus alunos, criamos juntos cores, texturas e imagens.



Imagens do livro *Uma Lagarta Muito Comilona*.

---

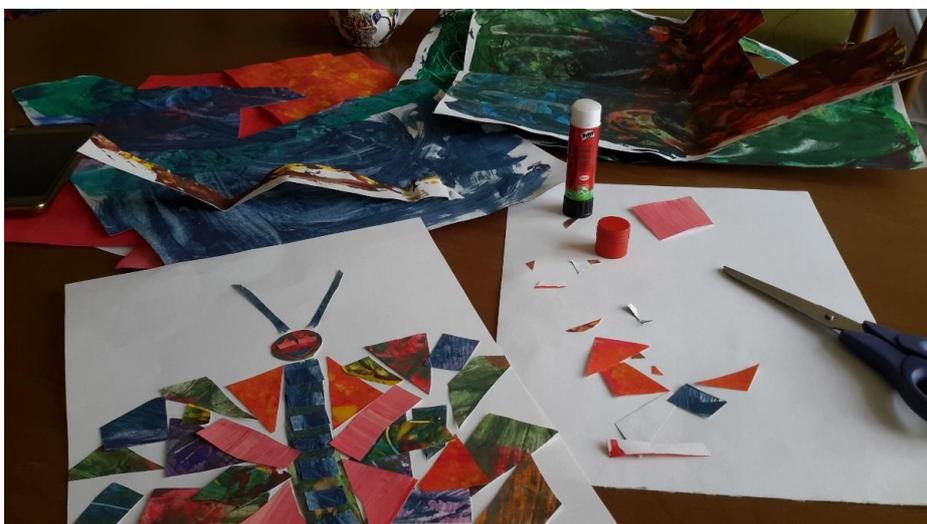
<sup>2</sup> Eric Carle (1929) é um importante autor e ilustrador norte americano. Ele cria imagens utilizando a técnica da colagem, suas ilustrações têm cores e texturas únicas, pois, assim como Henri Matisse, ele primeiro cria as cores e texturas com tinta para depois recortar.



Registros de aulas.

A borboleta d'O Livro Verde do Julio surgiu dessa parceria com os alunos. Foi um momento de virada, em que eu percebi que era possível transformar de fato a forma de produzir. Justamente por ser tão simbólica nesse processo, é a borboleta quem anuncia dentro da narrativa que sempre é possível mudar. A partir dessa imagem, surgem novas cores na história do Julio.

A cor verde faz referência a um dos assuntos mais frequentes entre meus alunos de 4 e 5 anos: a cor preferida. As crianças não hesitam em mudar de ideia e nem ficam constrangidas quando isso acontece, enquanto nós adultos muitas vezes acreditamos que mudar de opinião pode demonstrar fraqueza. As crianças vivem o mundo da experiência com muita intensidade, e a cada nova experiência se tornam algo novo, elas se transformam constantemente.



Criação da borboleta.

Compreender melhor todo esse processo e a relação entre a minha experiência como professora de arte e os estudos sobre o livro ilustrado, só foi possível graças ao olhar criterioso e delicado da minha orientadora. Um olhar de fora atento, experiente e generoso faz o percurso ser muito mais completo.

## **2. Forma e conteúdo: a narrativa acontece em cada elemento do livro**

Ao longo do processo de criação do livro, ficou muito claro como a escolha de cada um dos elementos que formam um livro é parte da construção da narrativa. Nada pode

ser em vão, é preciso refletir sobre cada detalhe e estar consciente sobre a potência de comunicação que eles apresentam ao leitor.

*Comparo minhas duas folhas a dois objetos escolhidos por um malabarista. Suponhamos, em relação a esse problema, uma bola branca e uma bola preta e de outro lado minhas duas páginas, a clara e a escura, tão diferentes e no entanto lado a lado. Apesar das diferenças entre os dois objetos, a arte do malabarismo os converte num conjunto harmonioso aos olhos do espectador (MATISSE, 235).*

A sul-coreana Suzy Lee (1974), autora de diversos livros ilustrados, entre eles *Onda, Sombra e Espelho*, escreveu uma importante reflexão sobre o seu processo de criação nessas três obras, esse livro se chama *A Trilogia da Margem*, e é referência de grande relevância nos estudos sobre livro ilustrado. Já nas páginas iniciais d'*A Trilogia da Margem*, ela traz à tona a importância de integrar o objeto livro e todas as suas características à poética criada: “E se o próprio livro se tornasse parte da experiência de leitura”, essa reflexão foi constantemente retomada no processo de criação. Desde a capa até a imagem final, o objetivo é contar uma história utilizando todos os elementos.

## CAPA



Decidi não colocar meu nome na capa, não parecia coerente eu criar um livro que se chama O Livro Verde do Julio e ter o meu nome como referência de autoria, afinal de quem é o livro? Essa escolha inicialmente foi bastante intuitiva, mas depois fui em

busca de alguma referência que a amparasse, encontrei esse amparo na capa do *Livro da Nina Para Guardar Pequenas Coisas*, escrito pelo artista Keith Haring<sup>3</sup> e editado no Brasil pela ed. Cosac Naify.

O título escolhido, *O Livro Verde de Julio*, estabelece uma autoria, o livro é do Julio, e propor essa brincadeira entre a autoria real e autoria ficcional fez todo sentido nessa obra que fala sobre um livro.

As letras do título foram recortadas, todas em tons de verde, e a posição da imagem do garoto (caminhando da esquerda para direita) é um convite para entrar com ele no livro. A escolha da cor magenta para recortar o menino foi feita para criar um equilíbrio visual e não deixar a imagem monótona.



*Livro da Nina Para Guardar Pequenas Coisas.*

## GUARDA INICIAL

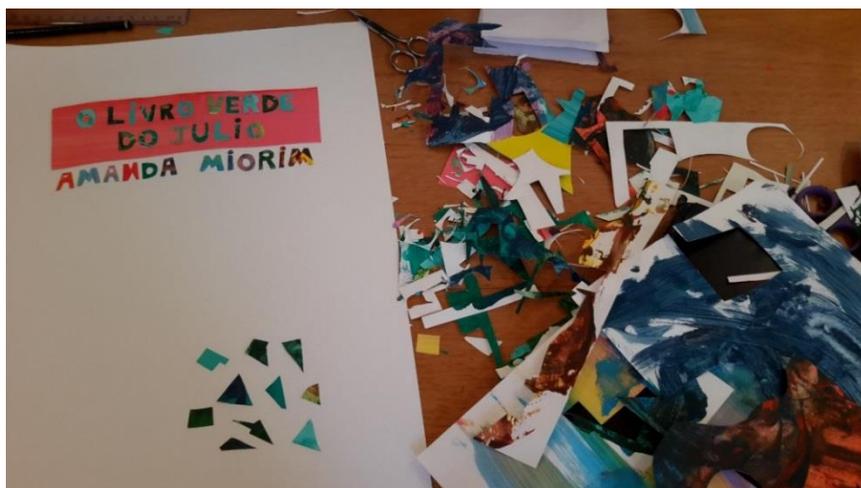
Assim que o livro é aberto surge um único elemento, uma pista sobre a história: uma tesoura. Nesse momento, já foi sugerido ao leitor que esse livro foi feito pelo Julio e ele utilizou uma tesoura.

## PÁGINA DE ROSTO

Apenas nesse momento apresento meu nome (como autora). No canto direito inferior da página, recortes de papéis que direcionam o olhar e sugerem a virada da página.

---

<sup>3</sup> Keith Haring (1958-1990 NY) foi um artista plástico de Nova York que sempre desejou criar uma arte que fosse realmente pública, criou grafites, esculturas, desenhos nos metros, camisetas e etc. Entre suas criações está *O Livro da Nina para Guardar Pequenas Coisas*, um livro que inicialmente foi criado como presente para a filha de um grande amigo, a Nina. O livro era tão incrível que a família guardou o original e depois da morte de Haring ele foi publicado.



Criação da página de rosto.

### UMA HISTÓRIA FEITA COM OITO FRASES

O livro, que tem o foco na narrativa visual, mostra muitas imagens e pouco texto, mas essas oito frases foram lidas e relidas inúmeras vezes, elas precisavam ser precisas, elas conectam todas as imagens, e dentro dessa história são tão importantes quanto cada um dos outros elementos.

Esse processo de escolha, lapidação e busca pela palavra exata foi, em muitos sentidos, próximo ao processo de escrita da poesia. O poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto em vários textos seus reflete sobre essa busca da palavra exata:

(...)  
*para chegar ao pouco  
em que umas poucas coisas  
revelam-se, compactas,  
recortadas e todas,*

*e chegar entre as poucas  
à coisa-coisa e ao miolo  
dessa coisa, onde fica  
seu esqueleto ou caroço,*

*que então tem de arear  
ao mais limpo, ao perfil  
asséptico e preciso  
do extremo de polir,*

*ou senão despolir  
até o teto da estopa  
ou até o grão grosseiro  
de matéria de escolha*

(...)

(“No Centenário de Mondrian”, João Cabral de Melo Neto)

## AS LETRAS SÃO IMAGENS

Ao longo do processo de criação, sempre retomando minhas influências iniciais, encontrei em um livro de entrevistas do artista Henri Matisse o trecho em que ele contava sobre o processo de criação do livro *Jazz*. O texto de *Jazz* é escrito à mão e as letras são muito maiores do que o convencional, Matisse conta que essa escolha foi consciente, que era preciso deixar bem claro que a letra também é imagem, e como imagem ela se comunica:

*Achei que a escrita manual seria a mais adequada. A dimensão excepcional da escrita me parece obrigatória para manter uma relação decorativa com o caráter das pranchas coloridas (MATISSE, 263).*



Ícaro, prancha VIII do livro *Jazz*, de Henri Matisse.

## A BORBOLETA

É na página da borboleta que surge uma mudança muito importante na narrativa: surgem novas cores. As letras que até então eram todas recortadas com papéis verdes ganham uma variedade enorme de cores quando Julio diz que pode mudar de ideia. Não seria possível incluir novas cores no livro se isso não fosse parte da história, mas é quase impossível determinar o que veio primeiro: a necessidade de cores ou a ideia de mudança? Nesse momento, senti que já começava a construir uma narrativa visual, não surgiram as palavras antes da imagem como no início dessa jornada.

## RITMO E COMPOSIÇÃO

Nas páginas seguintes, Julio apresenta ao leitor o que ele gosta. O grande desafio dessa sequência foi pensar no ritmo e na composição. Como manter a fluidez da narrativa? Para conseguir chegar nesse momento foi preciso ter todas as imagens prontas e testar, pensando inclusive no movimento de virar a página. Esses dois elementos são fundamentais na criação do livro ilustrado, pois, assim como o teatro, essa linguagem acontece dentro da relação tempo e espaço. O ilustrador e pesquisador Rui de Oliveira resalta esses elementos tão importantes:

O ritmo é uma variedade intencional de formas criadas pelo ilustrador para despertar os interesses do olhar e, conseqüentemente, da narração, uma alternância de diferentes que resultam iguais e harmônicos em sua totalidade” (OLIVEIRA, 57).

“A finalidade da composição, além de obter o equilíbrio plástico da página, é favorecer a leitura e a apreensão da narrativa. Portanto, o ato de compor está vinculado diretamente ao ato de contar histórias visuais” (OLIVEIRA, 60).

## FIM DA HISTÓRIA

Os contornos do livro foram surgindo, mas foi só no fim do processo é que comecei a ter mais clareza de como terminar o livro. A frase *o mundo inteiro é muita coisa* era muito potente, trazia a necessidade de uma nova imagem, que acentuasse essa reflexão. Nesse momento, várias influências ganhavam luz no meu pensamento: a música de Gilberto Gil *Parabolicamará*, e o célebre *Poema de Sete Faces* de Carlos Drummond de Andrade.

*“Antes mundo era pequeno  
Porque Terra era grande  
Hoje mundo é muito grande  
Porque Terra é pequena  
Do tamanho da antena  
Parabolicamará*

*Ê volta do mundo, camará  
Ê, ê, mundo dá volta, camará*

*Antes longe era distante  
Perto só quando dava  
Quando muito ali defronte E o horizonte acabava  
Hoje lá trás dos montes  
dendê em casa camará*



*uma página sem palavra ou imagens não é uma página vazia. (LEE, 112)*

O Livro Verde do Julio chega ao final, com uma imagem feita de sobras, negativos de tantos recortes que fiz ao longo desses anos. Reunidos em uma festa das formas, uma imagem que foi chamada de “parque de diversões” por uma aluna minha de 5 anos, afinal, o mundo pode ser um grande parque de diversões. O objetivo dessa imagem é que ela mostrasse Julio brincando com as formas, criando novos mundos, ela é uma síntese da história de Julio que cria o seu próprio mundo utilizando seus recortes.



#### QUARTA CAPA

Quando o leitor acha que acabou ainda tem mais uma informação que complementa a narrativa: Julio guarda o livro em uma estante, ao lado de outros tantos livros, a questão levantada por ele permanece, como?

Essa imagem é espelhada com a capa, no começo ele caminha em direção ao livro, criando um convite: a entrada é por aqui. No final ele volta, como se o tempo todo fosse necessário voltar, ir e vir, um ciclo.



### 3. Entre linguagens: do corpo ao livro

Suzy Lee em seu livro *A Trilogia da Margem* faz várias analogias entre o livro e o teatro, e de fato existem muitas pontes, a relação entre tempo e espaço estão presentes em ambos, é necessário pensar no ritmo, e a forma nunca está descolada do conteúdo, todos os elementos se comunicam. De um lado temos dramaturgia, atores, música, luzes, espaço cênico, figurino, adereços; enquanto do outro temos texto verbal, imagens, papel, formato.

Comecei a contar histórias no teatro. Aprendi com o cenógrafo italiano Gianni Ratto<sup>4</sup> que cada recurso cênico é como “uma personagem” que se comunica, que conta uma parte dessa história, nenhuma escolha pode ser em vão, e nem sempre as escolhas mais “belas” são as escolhas corretas. A escolha do espaço cênico (arena, palco italiano, um grande teatro, uma pequena e aconchegante sala, espaços alternativos), a luz, o figurino, o cenário, a música, o silêncio... tudo comunica e, portanto, precisam ser “justas”.

*Nesse caso, o livro não só se torna um receptáculo para informações, mas uma expressão artística significativa em si mesma. Com a sintonia fina do artista, a forma começa a gerar significados e a história se aviva. O formato do livro se torna o conteúdo potencial (LEE, 103)*

Depois, ao longo da minha caminhada, apaixonada pelas narrativas, iniciei minha trajetória de contadora de histórias, já não tinha os recursos do teatro, optei pela simplicidade do espaço “quase” vazio e o olhar focado na narrativa, sua respiração, suas palavras. As sutilezas da história, tão importantes para sua compreensão, eram comunicadas com cada parte do meu corpo, entrelaçado às palavras. Como “revelar” as sutilezas?

A palavra é um elemento essencial à narrativa oral. Foi mergulhada nessa experiência que escrevi a primeira versão do Livro Verde do Julio, um texto longo, em um único fôlego. Descobri depois, pensando nas relações entre as linguagens – teatro, narrativa oral e livro ilustrado – que é a soma de diversos elementos que contam a

---

<sup>4</sup> Gianni Ratto (1916 Milão- 2005 São Paulo), artista italiano radicado em São Paulo foi fundamental para a história do teatro brasileiro a partir da década de 1950, trabalhou como cenógrafo, iluminador, ator, diretor, um grande pensador das artes cênicas.

história. Na oralidade, como bem observou Walter Benjamin, o gesto que se une à palavra dá os contornos da narrativa – a alma, o olhar e a mão -

*Pois a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito. (BENJAMIN, 221)*

Aos poucos me senti mais confiante com essa nova linguagem, as relações que consegui estabelecer entre o livro ilustrado e as artes cênicas foram fundamentais para me apropriar conceitualmente de cada um dos elementos presentes. O texto foi diminuindo, diminuindo, e quase sumiu, mas não sumiu a história, que é contada de outra forma.

*O modo de expressão” não significa simplesmente as palavras ou figuras. Significa todos os métodos que podem efetivamente transmitir a mensagem ao leitor: o modo de combinar palavras e imagens, o estilo e a estratégia das figuras, o formato do livro e a direção em que as páginas são viradas etc. O artista pensa sobre como contar sua história de jeito interessante e simplesmente escolhe as vantagens e efeitos dos tipos de formato que o livro ilustrado pode oferecer (LEE, 148)*

No final do processo, tinha muito mais de 20 imagens que junto de 8 frases, distribuídas em 32 páginas, contam uma única história.

EU SOU O JULIO, MINHA COR PREFERIDA É VERDE, ÀS VEZES EU MUDO DE IDEIA.

GOSTO DE MUITAS COISAS, ALGUMAS EXISTEM, AS OUTRAS EU INVENTO. QUERIA CONTAR PRO MUNDO INTEIRO QUEM SOU EU, COMO?

O MUNDO INTEIRO É MUITA COISA.

Essas frases se entrelaçam a retratos, animais, seres fantásticos, brincadeiras, mapas, formas abstratas e nos contam quem é essa criança e qual é o seu mundo. Não é tarefa simples alguém contar quem é e como é o seu mundo. Por sermos tão diferentes uns dos outros, existem diversas maneiras de contar histórias, e sabe-se lá quantas outras formas de narrativa ainda estão por surgir.

*Mas a beleza da narrativa não depende do meio. Contos da tradição oral, histórias ilustradas, peças de teatro, romances, filmes de cinema e programas de televisão, todos podem variar do fraco e sensacionalista*

*ao comvente e brilhante. Precisamos de cada forma de expressão disponível, e de todas as novas que possamos reunir, para que nos ajudem a compreender quem somos e o que estamos fazendo aqui.[...] Em nosso dia-a-dia, buscamos histórias de todo tipo, repetidamente, que reflitam nossos desejos e sofrimentos com a elevada clareza da imaginação. Carregaremos essas mesmas expectativas para a narrativa digital. (MURRAY, P. 255)*

#### **4. Uma história sobre identidade e pertencimento**

*A Lagarta e Alice se olharam por algum tempo em silêncio. Por fim, a Lagarta tirou o narguilé da boca e disse, dirigindo-se a Alice com uma voz calma e sonolenta:*

*- Quem é você?*

*Não foi um modo muito encorajador de começar a conversa. Alice respondeu, um pouco acanhada:*

*- Eu... Eu neste momento não sei muito bem, minha senhora... Pelo menos, quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu era, mas acho que depois eu mudei várias vezes*

*(Alice no País das Maravilhas, Lewis Carroll)*

O último percurso dessa jornada foi realizar essa retrospectiva, e reconhecer que, acima de tudo, o meu maior vínculo com toda essa pesquisa é a narrativa: essa possibilidade de contar uma história e se deixar transformar, essa necessidade humana, essa minha necessidade. Me vi mais uma vez retornando para a uma reflexão muito frequente na minha trajetória: Por que narrar? Que impulso é esse que nos leva a ouvir e contar histórias?

O pesquisador Alberto Manguel, um grande apaixonado pelos livros e pelas narrativas trouxe à tona essa reflexão em seu livro *Cidade das Palavras – As Histórias que Contamos* para saber quem somos:

*Por que buscamos definições de identidade nas palavras e qual é, nessa busca, o papel do contador de histórias? Como a linguagem determina, delimita e amplia nossa imaginação do mundo? Como as histórias que contamos nos ajudam a perceber a nós mesmos e aos outros? Essas histórias poderiam conferir uma identidade, verdadeira ou falsa, a toda uma sociedade? E, para concluir, as histórias serão capazes de mudar quem somos e o mundo em que vivemos? (MANGUEL, 13)*

Narrar faz parte da experiência humana, é possível afirmar que mesmo antes da linguagem verbal existir a narrativa já estava presente na vida dos seres humanos. Antonio Candido, o grande intelectual brasileiro, em seu artigo *O Direito à Literatura* comenta essa relação.

*Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. (CÂNDIDO, 176)*

A narrativa dá contorno à nossa existência, muitas vezes tão caótica, tão fragmentada e tão intensa, nem sempre ela é boa, muitas vezes ela é angustiante, triste e contraditória, porque assim também é a vida, mas ela é necessária. É à literatura que recorremos quando precisamos saber sobre nós mesmos, sobre tudo aquilo que é invisível.

*Para que serve a ficção? Tem alguma utilidade, alguma funcionalidade na formação de uma pessoa, em nosso caso, de uma criança, ou seja, justamente de uma pessoa em formação? Todos nós, homens e mulheres, vamos ao dicionário para saber sobre as palavras, aos livros de ciências para saber sobre ciências, aos jornais e às revistas para ler as notícias da atualidade e aos cartazes de cinema para saber os filmes que estão passando. Mas para onde vamos quando queremos saber de nós mesmos? Nós, os leitores, vamos à ficção para tentar compreender, para conhecer algo mais acerca de nossas contradições, nossas misérias e nossas grandezas, ou seja, acerca do mais profundamente humano. (ANDRUETTO, 53)*

E, por fim, que história é essa do Julio? O que afinal eu pretendo contar com essa narrativa? A história de um garoto que reconhece sua existência, suas preferências, Julio se reconhece como indivíduo. É uma história sobre identidade e pertencimento, ele existe nesse mundo, mas afinal, que mundo é esse? Um mundo em movimento, um mundo com outros mundos dentro, um mundo às vezes simples como um mapa e outras complexo, invertido e abstrato.

A Lagarta que encontra Alice no País das Maravilhas traz à tona esse enigma: Quem é você? Alice não sabe responder, essa que é uma questão tão direta e tão simples. Direta? Simples? Reconhecer a própria existência no mundo não é tarefa fácil, e Julio inicia sua história dizendo quem ele é – Eu sou o Julio – Se a Lagarta tivesse

feito essa pergunta para ele, o seu livro seria a sua resposta, e como é reconfortante ter uma resposta e ao mesmo tempo sentir-se livre para mudar de ideia.

Reconhecer-se como sujeito, esse é um grande desafio, tenho acompanhado essas transformações na minha jornada como professora, as crianças aos poucos se reconhecem e ao mesmo tempo em que isso acontece elas reconhecem o outro, estabelecem vínculos. Existir é se relacionar, é habitar um lugar, existir é ver o mundo mudando de tamanho a cada nova descoberta.

## **Bibliografia**

- ANDRUETTO, Maria Teresa. *Por uma Leitura sem Adjetivos*. São Paulo: Ed. Pulo do Gato, 2012.
- BENJAMIM, Walter. *Obras Escolhidas vol. I*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- LEE, Suzy. *A Trilogia da Margem [o livro-imagem segundo Suzy Lee]*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- MANGUEL, Alberto. *A Cidade das Palavras: as histórias que contamos para saber quem somos*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008.
- MANGUEL, Alberto. *À Mesa com o Chapeleiro Maluco: ensaios sobre corvos e escrivainhas*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2009.
- MATISSE, Henri. *Escritos e Reflexões sobre Arte*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- MORAES, Odilon; HANNING, Rona; PARAGUASSU, Maurício. *Traço e prosa: entrevistas com ilustradores de livros infanto-juvenis*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- MURRAY, Janet. *Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*. São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003.
- OLIVEIRA, Rui. *Pelos Jardins Boboli – reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.